

Kizomba Psicodramática: Experiências de quilombamento

Maria Celia Malaquias^{1,2*} 

RESUMO

A Kizomba Psicodramática é um encontro científico virtual realizado desde 2022 pelo Grupo de Estudos de Psicodrama e Relações Raciais. No presente relato de experiência apresentam-se reflexões sobre as experiências pessoais e profissionais das participantes, no âmbito individual e grupal. Ainda, refletimos sobre como a Kizomba promoveu momentos de discussão conceitual e técnicas, na perspectiva da Socionomia e do Quilombismo, bem como de outras matrizes filosóficas e teóricas. Conclui-se, por fim, que a Kizomba contribui para a prática profissional antirracista, especialmente nas áreas de saúde e educação, bem como para o desenvolvimento de ações e projetos transformadores.

PALAVRAS-CHAVE: Psicodrama; Quilombo; Antirracismo; Relações raciais.

Psychodramatic Kizomba: Experiences of quilombola

ABSTRACT

Kizomba Psicodramática is a virtual scientific meeting held since 2022 by the Psychodrama and Racial Relations Study Group. This experience report presents reflections on the personal and professional experiences of the participants, both individually and as a group. We also reflect on how Kizomba fostered moments of conceptual and technical discussion, from the perspective of Socionomy and Quilombismo, as well as other philosophical and theoretical frameworks. Finally, we conclude that Kizomba contributes to anti-racist professional practice, especially in the areas of health and education, as well as to the development of transformative actions and projects.

KEYWORDS: Psychodrama; Quilombo; Antiracism; Race relations.

Kizomba psicodramática: Experiencias de quilombolas

RESUMEN

Kizomba Psicodramática es un encuentro científico virtual organizado desde 2022 por el Grupo de Estudio de Psicodrama y Relaciones Raciales. Este relato de experiencia presenta reflexiones sobre las experiencias personales y profesionales de los participantes, tanto individuales como grupales. También reflexionamos sobre cómo Kizomba fomentó momentos de debate conceptual y técnico, desde la perspectiva de la Socionomía y el Quilombismo, así como de otros marcos filosóficos y teóricos. Finalmente, concluimos que Kizomba contribuye a la práctica profesional antirracista, especialmente en los ámbitos de la salud y la educación, así como al desarrollo de acciones y proyectos transformadores.


PALABRAS CLAVE: Psicodrama; Quilombo; Antirracismo; Relaciones raciales.

1. Sociedade de Psicodrama de São Paulo – São Paulo (SP), Brasil.

2. Grupo de Estudos de Psicodrama e Relações Raciais – São Paulo (SP), Brasil.

*Autora correspondente: mcmalaquias@uol.com.br

Recebido: 10 jul. 2025 | Aceito: 21 ago. 2025

Editora de seção: Oriana Holsbach Hadler 

INTRODUÇÃO: SOLILÓQUIO DA DIRETORA

Início o presente artigo com um solilóquio que situa a criação do Grupo de Estudos de Psicodrama e Relações Raciais na minha história no psicodrama brasileiro e a realização das Kizombas Psicodramáticas na história desse grupo, além de meu interesse pela psicologia – que vem de longa data. Nasci em uma família negra e sou a primogênita de seis filhos de um casal de mineiros. Meus pais eram da classe trabalhadora, muito cuidadosos com os filhos, e nos transmitiram princípios e valores que consideravam fundamentais. Seu principal legado foi o da importância da educação, de respeitar nossa identidade e, ainda, olhar para e pela comunidade. E foi justamente persistindo no caminho da educação formal que, ao final do ensino médio – colegial à época –, mudei do Triângulo Mineiro para a cidade de São Paulo para cursar a faculdade. Fui a primeira da minha família a ingressar e concluir um curso universitário.

Retrocedo um pouco até a experiência de socialização da minha infância: como ocorre com toda criança preta, à medida que eu crescia e adentrava o complexo mundo das relações humanas, em uma sociedade com marcas profundas de injustiça social como herança da escravização, percebi gradativamente que a dinâmica das relações num contexto de encontro étnico-racial suprimiu a relação humana pela racial. A exemplo de Frantz Fanon, aprendi que a cor da minha pele determinava o tipo de tratamento que eu e outras pessoas pretas recebíamos em diferentes espaços, pautados por questões raciais. Em seu livro *Peles negras, máscaras brancas*, Fanon (1983, p. 94) relata a experiência de ter sido apontado por uma criança branca que chamava a atenção de sua mãe ao vê-lo:

“Olha, um negro! Mamãe, um negro!” ‘Mamãe, olha, um negro; estou com medo! Medo! Medo!’ Ao que a mãe chama a atenção do filho: ‘Ssh! Você vai deixá-lo bravo. Não dê atenção a ele, monsieur, ele não percebe que o senhor é tão civilizado quanto nós’”.

Conforme o autor mesmo descreve, as palavras o levaram a voltar a atenção para si mesmo e se ver encoberto por uma gama de estereótipos racistas que moldavam tanto a forma como pensava a própria existência quanto a forma como o mundo o via (Webber, 2018). Com efeito, assim que as palavras da mãe do menino alcançaram seus ouvidos, elas desencadearam imediatamente uma cascata psíquica de associações e identificações que cristalizaram o racismo de sua sociedade em um intenso episódio de angústia:

Meu corpo me foi devolvido de braços e pernas abertos, desconjuntado, refeito, envolto em luto neste dia branco de inverno. O negro é um animal, o negro é mau, o negro é perverso, o negro é feio; veja, um negro; o negro está tremendo, o negro está tremendo porque está com frio, o garotinho está tremendo porque tem medo do negro, o negro está tremendo de frio, o frio que gela os ossos, o adorável garotinho está tremendo porque pensa que o negro está tremendo de raiva, o garotinho branco corre para os braços da mãe: ‘Mamãe, o negro vai me comer’ (Fanon, 1983, p. 94).

A partir dessa realidade de alteridade ontológica e de olhar para um quadro social cuja moldura muda, mas preserva continuamente a paisagem do racismo estrutural ao longo dos anos, e impulsionada pelos valores que recebi da minha família majoritariamente preta, não pude fazer como o avestruz e esconder a cabeça em um buraco; precisei fazer algo para mudar a realidade perversa do racismo. A educação foi o caminho escolhido.

Ingressei no curso de Psicologia na busca por respostas para meus questionamentos e ferramentas que me possibilitassem dar a minha contribuição para enfrentar – e quiçá superar – e encontrar meios para intervir. Pude observar que, a exemplo de toda a sociedade, o campo da psicologia também é um espelho da estrutura da sociedade brasileira que exclui a população negra, ao sustentar uma lacuna abissal tanto no campo da formação (professoras/es e pesquisadoras/es) quanto no acesso das populações negras e indígenas ao tratamento de saúde mental. Alguns dados estatísticos lançam luz e atestam essa lacuna. Um estudo do Conselho Federal de Psicologia (CFP) e do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), realizado em 2016, apontou que a distribuição de psicólogos no quesito raça/cor, ou seja, a representação de negros/os, é de 16,5% para 83,5% de não negros/os – que, em

termos numéricos, é equivalente a 24.162 profissionais. Já no que se refere à ocupação do ensino superior, o percentual de negras/os é de 30,5% para 69,5% de não negras/os (Dieese, 2016). Esses dados comprovam o fato de a psicologia ter uma representação escassa de autoras/es e pesquisadoras/es negras/os que pudessem contribuir substancialmente para o campo da saúde mental em seus currículos.

Certamente o quadro de disparidade racial deixou marcas na minha trajetória, gerou insegurança, baixa autoestima, sintomas de ansiedade. Atuando como psicóloga psicodramatista, frequentemente me vi na interseção entre ser uma psicóloga preta em uma área majoritariamente branca – no que se refere tanto a profissionais quanto a pacientes – e meu papel como mulher negra é testemunha de que o racismo estrutural é um determinante do sofrimento psicológico da população negra. A falha no sistema de assistência universal à saúde que se propõe atender a todos, na prática, dificulta o acesso à saúde e a qualidade do tratamento de grupos historicamente discriminados, por não incluir nos protocolos de tratamentos a pauta racial como um fator relevante para a saúde integral (biopsicossocial).

À medida que novas questões foram surgindo, cada vez mais se desenvolvia a consciência de que o trabalho de transformação social a ser feito não consistia apenas em atender indivíduos no consultório privado, mas em avançar para a constituição de grupos de diferentes identidades raciais e étnicas e de gênero, pois não seria suficiente trabalhar somente com um coletivo negro. Era preciso fazer com que pessoas brancas também refletissem sobre sua identidade racial e sua prática ao atender pessoas atravessadas psicologicamente pelo racismo (Bento, 2022).

Vale lembrar que meu percurso acadêmico foi um investimento financeiro pessoal, uma vez que a conclusão da minha graduação foi anterior à política de cotas raciais instituída e que ampliou o acesso das pessoas negras ao ensino superior. Enquanto me consolidava na carreira profissional, e o repertório das pesquisas e obras literárias produzidas por pessoas negras se ampliava, confirmou-se a necessidade de dar um passo qualitativo na forma de atuar.

AQUECIMENTO INESPECÍFICO

Nessa perspectiva, idealizei e criei, em 2016, o Grupo de Estudos de Psicodrama e Relações Raciais. Em sua estrutura, ele funciona como um grupo aberto composto em sua maioria por pessoas da área da saúde e educação e do psicodrama propriamente, mas também por pessoas de outras áreas do conhecimento. Temos como princípio fundante ideais e práticas de educação e clínica antirracistas (Malaquias, 2023). Em 2020, devido à pandemia da covid-19, os encontros passaram a ser virtuais, o que viabilizou a participação de pessoas de diferentes regiões do Brasil e de outros países. No primeiro encontro virtual, em agosto de 2020, o Grupo se autodenominou de Quilombo Malaquias, que empregarei no presente artigo para me referir ao Grupo de Estudos de Psicodrama e Relações Raciais.

O Quilombo Malaquias se dedica ao estudo de autoras/es negras/os, destacando as suas contribuições para o psicodrama, em especial no Brasil. Destaca-se a primazia desse grupo em sustentar, por um longo período, um espaço de diálogo e aprendizagem intergrupar sobre relações raciais entre pessoas negras e não negras – um feito relevante, principalmente diante do desafio que é estabelecer diálogos sobre raça e racismo intergrupais e inter-raciais. Para adequar a agenda das pessoas interessadas em fazer parte e oportunizar uma ampla participação, o Grupo foi dividido em duas turmas em dias diferentes (sexta e sábado). Embora cada turma tenha as suas especificidades e se caracterize por uma dinâmica própria, a metodologia de leituras e reflexões é a mesma para ambas. Além dos encontros mensais em que são lidas obras para estudo das relações raciais, o Quilombo Malaquias desenvolveu, como resultado de suas reflexões, diferentes projetos, como a produção e publicação do livro *Etnodrama: contribuições do grupo de estudos de psicodrama e relações raciais*; o documentário *Alberto Guerreiro Ramos – pioneiro do psicodrama brasileiro*; e a Jornada Científica, denominada Kizomba Psicodramática, realizada em 2022, 2023 e 2024.

Do ponto de vista linguístico, a palavra “Kizomba” tem origem na língua Kimbundu, uma das línguas de Angola, país da África. Ela significa festa do povo negro, resistência, grito de liberdade, confraternização. É dança negra como forma de resistência de um povo que foi escravizado.

Em minha memória afetiva está presente a grandiosidade da Kizomba organizada por Thereza Santos, em São Paulo, por meio da Secretaria de Cultura do estado, nos anos 1980. Era um espaço de presença negra marcante. Um exemplo

disso é que todas as palestras eram proferidas por pessoas negras, e estas faziam referência a autoras/autores negras(os) totalmente desconhecidos para mim e para a maioria do público participante, além de abordarem temas e questões que eu, até aquele momento, não tinha ouvido em nenhum outro lugar.

Foi uma experiência impactante, não só ouvir cada palestrante, mas a entonação emocionada de suas vozes, as expressões faciais, os gestos; e ainda sentir a presença, a força e a resistência de uma comunidade. Eram falas de mulheres e homens guerreiros, soavam fortes, cortantes. Assim, ouvia intelectuais negras/negros como Abdias Nascimento, Lélia Gonzáles, Kabengele Munanga, Sueli Carneiro, Clovis Moura, Oliveira Silveira, Leci Brandão, Martinho da Vila. Ainda, a altivez de Thereza Santos, presença forte que não deixava dúvidas acerca da potência desbravadora, de quem abria caminhos e trazia junto toda uma comunidade (Campos, 2014).

Eu acompanhava tudo movida por uma complexidade de sentimentos, conflituosos às vezes: por um lado, admiração, inspiração, compreensão das inquietações que vivenciava, movida pela angústia da busca por respostas à pergunta “Como a psicologia poderia contribuir com as dores emocionais que o racismo provoca nas pessoas pretas como eu?”. Por outro lado, sentia-me envergonhada por não saber, alienada das realidades ali apontadas pelos intelectuais. Mas também sentia que estava diante de um caminho possível de conhecimento e compreensão sobre a nossa história como população negra brasileira e as marcas de quase quatro séculos de escravização – e o legado para pessoas negras e não negras.

Minha vivência na Kizomba dos anos oitenta me mobilizou a pensar em espaços possíveis para minha atuação como mulher preta/psicóloga/psicodramatista/mestre em psicologia social. E sempre aliada à minha história pessoal, vinda de uma família negra numerosa, que convivia com pessoas negras e não negras. Meu entendimento sempre se pautou numa premissa de que é necessário trabalhar junto, incluir, numa perspectiva de somar forças, mas com respeito às diferenças.

Essa foi a minha inspiração para criar e nomear a Jornada Científica do Quilombo Malaquias de “Kizomba Psicodramática”, orientada por uma visão crítica do conhecimento ocidental que contribua para a decolonialidade na pesquisa psicossociodramática, como nos orientam Ribeiro (2023) e Albernaz et al. (2021).

A Kizomba Psicodramática é um espaço pensado para trocas e compartilhamentos do que temos estudado e discutido sobre psicodrama e relações raciais, sobretudo produzindo reflexões sobre os impactos nas diversas áreas de atuação em que as pessoas participantes estão inseridas.

Aprendi a incluir os sentimentos que são despertados quando se dispõe a entrar em contato com a história das relações raciais no Brasil. Quer seja por meio de leituras, livros, artigos ou, ainda, palestras e vivências psicossociodramáticas. Consta-se que incluir sentimentos como raiva, medo, angústia, tristeza, vergonha, orgulho, prazer e dor ao conhecimento teórico, como manejo metodológico e técnico, tem sido fundamental no trabalho com psicodrama e relações raciais, numa perspectiva antirracista. A metodologia que utilizamos no Quilombo Malaquias, e consequentemente na Kizomba Psicodramática, tem comprovado sua eficácia, conforme nos assinala Oliveira e Santos (2025) e Conceição (2024).

Com esse escopo, a Kizomba Psicodramática é um espaço aberto à participação do público em geral, criado e desenvolvido coletivamente, pensado em termos de um conhecimento que une celebração e resistência cultural, e destacando-se como um evento social que reúne música, dança e confraternização entre as pessoas participantes. Pelo que se nota, a configuração da Kizomba rompe com o funcionamento padrão de grupos de estudos por ser um momento para pausas e para viver novas formas de fazer refletir, resistir e celebrar a pauta racial em um só espaço.

Em todas as edições da Kizomba Psicodramática eu fui tomada de intensa alegria, senso de realização e responsabilidade em conduzir um encontro científico afrocentrado, ou seja, uma ciência que canta, dança e faz festa; uma ciência “encarnada”, um psicodrama brasileiro. Não porque é feito no Brasil, mas porque considera os papéis e as dinâmicas próprias de uma sociedade criada a partir da escravização dos povos africanos com imensa multiplicidade étnica e política.

Assim, o presente artigo é apresentado como um convite a leitura. Irão encontrar nesse relato de experiências o processo de formação de um grupo de estudos que se organiza com objetivos de ler, obras sobre relações raciais no Brasil, buscando

uma interlocução com o referencial teórico e prático do psicodrama, visando transformações nas práticas, na perspectiva antirracista. Nesse sentido, apresenta-se a Kizomba psicodramática, ora objeto de nossas análises e reflexões e, pode-se observar como se constituiu esse importante espaço de aquilombamento.

AQUECIMENTO ESPECÍFICO

Como psicodramatista e estudiosa das relações raciais, perfilo a teoria da socrionomia e seu arcabouço teórico e metodológico, criada e definida como a ciência das leis sociais por Jacob Levy Moreno (2020, p. 18):

A Socrionomia explora e trata das leis do desenvolvimento social e das relações sociais. Fazem parte do sistema da socrionomia o ainda metafórico nós, a massa, a comunidade, a comunhão, além da classe, do Estado, da igreja e tantos outros coletivos e grupos cooperativos.

Pensar psicodrama e relações raciais no Brasil nos leva a colocar em cena o pioneirismo de Alberto Guerreiro Ramos e seu importante legado para o psicodrama brasileiro. Guerreiro Ramos nos ensina que “o líder psicodramático tem de ser sociólogo e poeta” (Ramos, 2023, p. 72), no sentido de um psicodrama que inclua filosofia, ciência e arte da cultura brasileira – que por sua vez é predominantemente negra. Guerreiro Ramos nos alerta também para a necessidade de “reeducar o branco para perceber a beleza negra e estimá-la, como uma realidade intrínseca” (Ramos, 2023, p. 107).

Guerreiro Ramos, considerado um humanista radical, preocupava-se em contribuir para oferecer esse humanismo ao negro por meio de uma terapêutica – uma libertação do medo e da vergonha de proclamar sua condição racial. Em seus primeiros trabalhos com psicodrama nos espaços do Teatro Experimental do Negro, “berço do psicodrama brasileiro”, nas palavras de Elisa Nascimento (Malaquias, 2020, p. 17), Guerreiro Ramos utilizava a Grupoterapia como método de tratamento dos graves problemas emocionais da população negra, recém-saída de um período de quase quatro séculos de escravização oficial (Oliveira, 2024). Guerreiro Ramos defendia uma sociologia brasileira que olhasse para o Brasil. Entendia a questão étnico-racial como um dos graves problemas da sociedade brasileira. Seus estudos sobre a patologia social do “branco” foram embriões para os estudos sobre branquitude no país.

Em seu artigo intitulado “Teoria e prática do psicodrama”, Guerreiro Ramos (2023, p. 65) afirma que “o palco representa a miniatura da sociedade, em que se materializa o problema psicológico [...] No psicodrama se concretiza efetivamente a constelação de relações de que o indivíduo é participante”. O autor aponta ainda que “no atual psicodrama a operação catártica se transporta do auditório para o palco. Como no drama primitivo, no psicodrama não há diferenciação entre ator e espectador” (Ramos, 2023, p. 69).

Abordando o sociodrama, Guerreiro Ramos define que este:

[...] é precisamente um método de eliminação de preconceitos ou de estereótipos que objetiva libertar a consciência do indivíduo da pressão social. Por exemplo, adentra uma pessoa para ver um funcionário, um negro ou um judeu não à luz dos estereótipos – o funcionário, o negro, ou o judeu – mas como personalidades singulares, únicas, inconfundíveis” (2023, p. 79).

Nesse contexto, cabe destaque à Kizomba Psicodramática, um evento anual que acontece sempre no mês de outubro. As três versões já realizadas e objeto de estudo neste artigo aconteceram no formato on-line pela plataforma *Zoom* e promovidas pelo Quilombo Malaquias.

METODOLOGIA DECOLONIAL

Optou-se usar metodologias desenvolvidas por pesquisadoras negras e pesquisadores negros, como *escrevivência* e *afrodescendente*.

Este relato de experiência está ancorado na *escrevivência*, termo cunhado por Conceição Evaristo (Duarte & Nunes, 2020), que possibilita e liberta para uma escrita epistemológica que emerge da experiência de vida, especialmente de

mulheres negras que buscam incluir o nosso jeito de resistir, de lutar pela vida e pela liberdade de ser – não só por nós, mas principalmente pelo coletivo, pela comunidade.

Percebendo o anseio das mulheres do Quilombo Malaquias por escreverem suas narrativas a partir de suas vivências no campo da profissão e do ativismo, adotei a escrevivência com o intuito de romper com os padrões de uma escrita que se pauta numa única ciência europeizada, hegemônica. Conforme apontado pela obra de Conceição Evaristo:

Nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana. Uma condição particularizada que me conduz a uma experiência de nacionalidade diferenciada (como citado em Duarte & Nunes, 2020, pp. 30-31).

Conforme já foi dito, a participação de psicólogos negros e psicólogas negras na produção do conhecimento científico em espaços acadêmicos é significativamente inferior a profissionais brancos. Essa realidade não só restringe o reconhecimento da relevância de incorporar no ensino fatores como raça e racismo para promoção da saúde mental, mas também contribui para manter fora dos espaços universitários pesquisadores, pesquisadoras, professores negros e professoras negras que poderiam contribuir para a produção de conhecimentos que levem em conta as histórias e experiências psicossociais pautadas pelo racismo.

Rosane Borges lança novos fundamentos para o termo “escrevivência”. Ela enfatiza que, para Conceição Evaristo, tanto a escrita quanto a vivência são elos que se interconectam e podem ser constituídos como expressão única: escrevivência. A autora aponta ainda que os relatos memorialísticos contidos nas obras *Becos da memória* e *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, inauguram o método da escrevivência a partir da escrita de narrativas que não se posicionam em uma visão linear do tempo, mas são integradas em todas as dimensões de presente, passado e futuro. Com isso, a escrevivência consagra legitimidade à escrita de histórias silenciadas, negadas e vilipendiadas. A partir desse termo, Evaristo oferece uma contribuição essencial para a literatura, na medida em que traz novos contornos para a visão prevalente na academia, que considera a anterioridade do registro escrito como forma de conservar a memória.

Venho defendendo que escrevivência é um princípio conceitual-metodológico com potência para suportar as narrativas dos excluídos, uma vez que considera as várias matrizes de linguagem para tecer memória e construir história. [...] Concebendo a escrita como um sistema de traços, Conceição Evaristo habita e compõe as dobras do tecido escritural, que é um ato de inscrição, como bem se nota em *Maria-Nova*. É um sistema de escritura que fornece elementos para se tecer narrativas fora dos liames da circunscrição literária, *stricto sensu* (Borges, 2020, p. 189).

A partir desta visão, tomei a escrevivência não só como um conceito, mas também como um método que orienta a minha escrita neste artigo a partir da minha vivência como mulher, psicóloga e cientista negra no mundo. Nesse sentido, a escrevivência constitui a porta de entrada da metodologia afrodescendente, que ao contrário de uma ciência mais cartesiana que prescinde de uma separação entre sujeito e objeto – ou seja, de um distanciamento daquilo que será observado –, por considerar as subjetividades, oferece as bases para fazer a pesquisa psicodramática a partir de um sujeito que não está fazendo necessariamente uma cisão entre o vivido, aquele que observa e a experiência observada.

A abordagem metodológica deste artigo, se filia aos esforços de intelectuais que vieram antes da consagração do método da escrevivência. Defendiam uma pesquisa que permite fazer ficção a partir de si mesmo. Como é o caso da intelectual Beatriz Nascimento, que enfatiza a relevância do protagonismo preto na reconstrução de suas narrativas históricas e propõe uma escrita acadêmica em primeira pessoa, sob o argumento de que essa forma de escrever, representa um posicionamento político (Silva et al., 2023). Portanto, minha pesquisa também está ancorada na metodologia afrodescendente, defendida por Henrique Cunha Junior, que preconiza o *locus* do conhecimento como intrínseco a todos os seres e ambientes incluindo, neste último, aqueles de formações diversas. Essa ampliação do

ambiente abre espaço tanto para a criação quanto para a possibilidade de produção de um novo conhecimento sobre a realidade pesquisada. Ao adotar essa metodologia o autor destaca que: “Na postura da pesquisa afrodescendente, o conhecimento não precisa ser produto da sistematização científica para ser compreendido como tal” (2008 como citado por Calaça, 2013, p. 38).

Na Kizomba Psicodramática ressoam vozes de diferentes contextos raciais, de gênero, econômicos, educacionais e territoriais. O reconhecimento desse fato fez com que a apresentação de trabalhos na Jornada fosse acolhedora e acessível às pessoas participantes. Ela abarca uma organização horizontal, étnico-racial, de conhecimentos, já que professores universitários, professoras universitárias, doutores, doutoras, mestres, bacharéis, psicodramatistas, didatas, supervisores, supervisoras, e estudantes de graduação e de psicodrama podem apresentar seus conhecimentos e suas pesquisas como fruto de sua participação no Quilombo Malaquias. Tudo isso é pautado por uma atmosfera intencionalmente pensada para promover conversas inter-raciais, trocas e compartilhamentos.

Assim, tomamos a Kizomba Psicodramática como um fenômeno que mobiliza o desejo de estar em um espaço comum para socialização de conhecimentos, colaboração coletiva, expressão de gestos de solidariedade e cura de vínculos sociais. A Kizomba Psicodramática abre espaço para narrativas que estão sistematicamente envoltas por um ciclo de opressão e injustiça sistêmicas. Ressalta-se que a socialização do conhecimento não é só intelectual, mas experiencial e livre de julgamentos e de invalidação das experiências.

A maioria das pessoas participantes do Quilombo Malaquias e da Kizomba Psicodramática é oriunda de classe social menos favorecida; muitas no âmbito de suas famílias foram as primeiras a ter acesso ao ensino superior, ingressaram no mundo do trabalho precocemente para contribuir com o sustento da família, tiveram formação acadêmica prejudicada, não desenvolveram o talento de escritoras e escritores. Tentando desenvolver este último tardiamente, encontram na escrevivência um meio possível de escrever a partir de si, de suas vivências.

A conformidade ética na produção deste artigo apoia-se na lei de proteção aos participantes de pesquisa no Brasil, sendo ela: as resoluções n.º 466/12 e n.º 510/16 (Conselho Nacional de Saúde, 2012, 2016). Ressalta-se que a referida pesquisa está ancorada na resolução 510/16: “Parágrafo único. Não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP: VII – pesquisa que objetiva o aprofundamento teórico de situações que emergem espontânea e contingencialmente na prática profissional, desde que não revelem dados que possam identificar o sujeito” (Conselho Nacional de Saúde, 2016, pp. 1-2).

A NEGRITUDE EM CENA

Abdias Nascimento legou uma contribuição significativa para o enfrentamento do racismo na sociedade brasileira com o livro *Quilombismo*. Já no início do Documento 7 (Nascimento, 2019), podemos depreender que a trajetória de vida do autor desde a sua infância contribuiu para que ele desenvolvesse não só sua teoria, mas todo percurso educacional, militante e político que marcou sua existência. Uma experiência relatada no livro é que ele, ainda criança, ficava acordado com a mãe nas madrugadas, enquanto ela fazia doces para vender. Revela que foi com sua mãe que aprendeu a primeira lição sobre solidariedade de raça, ao ver a mãe resgatar um menino negro órfão que apanhava de uma vizinha branca. Assim as vivências de pessoas negras convocam o olhar e o cuidar solidário e comunitário.

A situação degradante de exploração do negro impede sua emancipação social; mesmo tendo trabalhado duramente por séculos, continua ocupando as esferas da pobreza. Como solução para a superação dessa condição, ele propõe o quilombismo, que tem na experiência dos quilombos uma referência prática para sustentar o conceito. Portanto, quilombismo é para o autor “um conceito científico emergente do processo histórico-cultural das massas afro-brasileiras”. O quilombismo traz em si uma proposta que assegura a valorização e a realização integral do ser humano.

Nascimento (2002, como citado por Souza et al., 2020) coloca que, ao abordar a importância de um modelo quilombista brasileiro, este modelo abarca em si uma concepção de mundo e de existência em que a ciência é, em sua constituição, uma entre tantas outras formas válidas de conhecimento. O quilombismo, tomado do ponto de vista da existência, como não poderia deixar de ser, é um processo dinâmico e concreto. A esse respeito Silva et al. (2023) apresenta a definição

de Abdias Nascimento do que seja aquilombar-se, apresentando-o como um movimento que leva a uma restauração e reafirmação com nossas raízes (importante frisar que são pretas e não as brancas) africanas de resistência, luta e cuidados, que, em conjunto, nos instrumentaliza para almejar e delinear novas narrativas identitárias enquanto protagonistas de nossa própria história.

A corporalidade ganha uma dimensão de produção de conhecimento. Retomando as contribuições de Souza et al. (2020) com o processo de escravização, a população africana trazida como mercadoria para as Américas absorve que a âncora para garantir sua existência é cultivar a consciência do corpo como sendo o primeiro lugar do nosso saber, bem como, o lugar que ocupamos no mundo. O corpo escravizado torna-se um elo de comunicação e uma forma de ofertar resposta aos sofrimentos advindos do tratamento violento e desumano com que eram tratados pelos colonizadores europeus. O povo africano torna-se um corpo-arquivo escravizado, cujo domínio consciente de sua força e memória ancestral, pôde e soube usar as suas energias corporais como instrumento para sua libertação. Emerge desse processo, o corpo-luta que, ao dançar, ginga na capoeira, que malandreira sambando, que brinca dançando, dá pernada rindo, canta rezando, batuca sangrando, que reverencia os orixás, ressignificando os santos que lhes foram impostos pelos colonizadores.

Seguindo a visão de Beatriz Nascimento, contida em Souza et al. (2020), o quilombo, para além de um espaço de luta e resistência, é um espaço de organização, compartilhamento étnico-cultural e identitário, fortalecimento psíquico e de pertencimento.

A partir da compreensão de Rosane Borges (2020) sobre escrevivência, empregarei tal conceito para descrever a vivência das três edições da Kizomba. Minhas memórias dos eventos ocorrem como participante ativa em todo o processo de realização, por meio dos papéis de coordenadora, organizadora, participante. Em todo esse processo, me orientei pela pesquisa-ação, estabelecendo uma atuação como coordenadora psicodramatista, sustentando uma postura relacional horizontalizada, observando e intervindo quando necessário e sistematizando as vivências para fins reflexivos e analíticos deste artigo. As informações foram registradas com o consentimento livre e informado de cada participante, respeitando aspectos éticos e de confidencialidade.

Ao revisitar minhas memórias, imediatamente fui envolvida por um sentimento genuíno de gratidão e uma apreciação pelo fazer coconstruído, por todo o processo. Desde a dedicação espontânea e voluntária de membros do Quilombo Malaquias que atuaram na preparação, organização e execução das Kizombas, até a presença e interação de cada participante com os conhecimentos e experiências compartilhadas – tudo ganhou um significado especial inspirando um desejo de conexão entre as pessoas.

Em cada uma das edições da Kizomba Psicodramática estiveram presentes, de forma virtual, 80 pessoas. No total das 3 edições, se reuniram mais de 200 pessoas. Em relação à idade, a pessoa mais jovem tinha 21 anos e a mais idosa, 70; a maioria entre 50 e 60 anos e com diferentes trajetórias de vida. Na composição por raça/cor, 75,9% se autodeclararam negros (pretos e pardos); 20,7%, brancos; e 3,4%, amarelos. Não houve autodeclaração de indígenas. Do ponto de vista da escolaridade, 62,8% possuíam pós-graduação *latu sensu*; 26,8%, pós-graduação *strictu sensu* (mestrado, doutorado); e 10,4%, graduação. A participação no evento foi de uma maioria expressiva de mulheres.

No campo das ocupações, 76% atuavam na área da psicologia e 11,9% na área da educação. Outras áreas foram: serviço social, gastronomia, medicina, advocacia, economia, contabilidade, roteirista e montador audiovisual, e (estudantes de) psicologia. A representação por região do país foi de 52% do Sudeste (Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), 20,9% do Nordeste (Bahia, Ceará e Sergipe), 17,9% do Centro-Oeste (Brasília e Mato Grosso do Sul) e 9% do Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). Houve, ainda, participantes de outros países: duas do Uruguai, uma da Inglaterra, três de Portugal, uma da Espanha e duas da Itália. Quanto à relação com psicodrama, houve 71,6% de psicodramatistas e 14,9% de estudantes de psicodrama.

A estrutura da Kizomba Psicodramática integra momentos de apresentação de trabalhos teóricos, práticas corporais de relaxamento, dança e canto, além de vivências psicodramáticas e rodas de conversa, de escuta, afeto e celebração ancestral – conforme mostram as Figs. 1, 2 e 3 abaixo:

1ª KIZOMBA PSICODRAMÁTICA

QUE TAL UM FINAL DE SEMANA MERGULHANDO NO PSICODRAMA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS?

SERÁ UM EVENTO TOTALMENTE ONLINE E GRATUITO, QUE ACONTECERÁ NOS DIAS 22 E 23 DE OUTUBRO, COM OS LINKS SENDO ENVIADOS POR EMAIL E POR WHATSAPP PARA OS INSCRITOS.

Organização: Grupo de estudos de Psicodrama e relações étnico-raciais (coordenado por Maria Célia Malaquias)

Programação:

<p>22/10 - sábado</p> <p>09h - Abertura Luiza Guimarães Ermelinda Marçal Soraia André</p> <p>10h - Aula expositiva "O Personalismo Negro de Guerreiro Ramos: teoria e prática" com o Prof. Dr. Muryatan Santana Barbosa Coordenação: Maria Célia Malaquias</p> <p>14h - Mesa Redonda 1 - Coordenação: Sirlene Pedro "Racismo e Resistência: o povo negro no palco psicodramático" Autor: Daniel Russel Oliveira "Escurecer e Diversificar a Matriz de Identidade: Contribuições de uma psicodramatista branca" Autora: Laura de Souza Zingra Vomero</p> <p>16h - Roda de compartilhamentos - Coordenação: Adriane Lobo e Marli de Oliveira (Espaço reservado para compartilhar experiências profissionais com a temática)</p> <p>17h30 - Jornal Vivo Direção: Cácio Romualdo Coordenação: Adriane Lobo e Melissa Oliver</p>	<p>23/10 - domingo</p> <p>09h - Mesa Redonda 2 - Coordenação: Adriana Dellagiustina "Reflexões sobre a psicoterapia de casais e famílias afrocentradas" Autora: Daniela Aparecida Cardoso da Silva</p> <p>"Sociopsicodrama e negritude: desenvolvimento e empoderamento do papel do homem negro" Autor: William do Carmo Silva</p> <p>10h30 - Vivência Etnodrama - Coordenação: Débora Gramkow Direção: Glidete Pires Ego auxiliar: Luiza Guimarães</p> <p>12h - Encerramento - Coordenação: Comissão organizadora: Daniela Aparecida Cardoso da Silva, Débora Gramkow, Ermelinda Marçal, Luiza Guimarães, Melissa Oliver, Maria Célia Malaquias, Valéria Brito</p> <p>Link para inscrição: https://forms.gle/9qch8e4kDa3e4mk7</p>
---	---

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Figura 1. 1ª Kizomba Psicodramática – Que tal um final de semana mergulhando no psicodrama e relações étnico-raciais?

2ª KIZOMBA PSICODRAMÁTICA

"Eu sou porque NÓS SOMOS - Potência e Ancestralidade"

Programação

Sexta-feira 27/10 - 19h às 21h30
Abertura
*Participação: Ermelinda Marçal
* Lançamento do livro: *Etnodrama- contribuições do grupo de estudos de Psicodrama e relações raciais*. Presença: organizadora, prefaciadora e autoras.
* Participação especial do músico senegalês: *Mamour BA*
Coordenação: Fabiano Romes Maciel

Sábado 28/10
09h as 10h30
Aula Vivenciada
A África que existe em nós
Direção: Sirlene Pedro
Ego auxiliar: Ermelinda Marçal
Coordenação: Adriana Dellagiustina

10h30 às 13h
Mesa Redonda 1
Mulheres negras e etarismo
- Poliana Teixeira
Transição Capilar como acesso à espontaneidade no papel de mulher negra
- Rosângela Alecia
Vivência com universitários sobre relações étnico-raciais
- Maria Eduarda Valentim
Um Olhar Psicodramático sobre a Interseccionalidade: Questão Racial e Pessoa com Deficiência
- Ermelinda Marçal
Coordenação: Luiza Guimarães

13h às 14h intervalo - almoço
14h às 15h30
Mesa Redonda 2
Transformação psicoterapêutica a quatro mãos: Psicoterapeuta e Mãe de Santo
- Fátima Fontes
Sociometria e Sociodinâmica de grupos familiares multirraciais
- Valéria Brito
"Quarto de despejo: diário de uma favelada", de Carolina Maria de Jesus - uma proposta Junguiana de individuação
- Sílvia Filhinho
Coordenação: Elenice Gomes

15h30 às 17h
Vivência
Diáspora Africana: travessia e regresso
Direção: Aline Belém e Giceli Carvalho Batista Formiga
Coordenação: Luiza de Oliveira

17h às 18h
Encerramento
Ressonâncias compartilhadas
Direção: Ana Lúcia Tavares
Teresa Cristina Bignardi Gonçalves
Thelma Faria Barretto Dória

Equipe organizadora:
Ana Lúcia Tavares
Fabiano Romes Maciel
Luiza Guimarães
Maria Célia Malaquias
Silvana Gondim

Egos tecnológicos:
Adriane Lobo
Ana Lúcia dos Santos
Guilherme Raposo
Laruse Andrade
Marco Aurélio Teles

Organização: Grupo de Estudos de Psicodrama e Relações Raciais - Coordenação: Maria Célia Malaquias

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Figura 2. 2ª Kizomba Psicodramática – Eu sou porque nós somos – potência e ancestralidade.

**3ª KIZOMBA
PSICODRAMÁTICA**

Que valores ancestrais nos nutrem ?

Programação

18/10 - SEXTA-FEIRA - Noite

19h - Abertura - Alair Souza Santana, Duda Valentim, Ermelinda Marçal.
Boas-vindas - Maria Célia Malaquias

19h30- Palestra - *A Fala como Ato Ancestral de Resistência: relatos de uma psicodramatista preta.*
Palestrante: Profª, Drª. Giceli Carvalho Batista Formiga
Coordenação: Rosana Maria de Sousa Rebouças

21h- Expressão artística:
Coordenação: Sirlene Margarida Pedro e Laruse Andrade
Participação Aberta

19/10 SÁBADO -Manhã

09h - Música abertura
Palestra - *Saberes Africanos, identidade negra - contribuições para a Psicologia.*
Palestrante: Esp. Lenir Soares
Coordenação: Valesca Aguiar Salles

10h - Ressonâncias da Palestra
Direção: Luiza de Oliveira

12h- Almoço

19/10 SÁBADO - Tarde

13h Abertura - Música

13h30 - Palestra; *Valores Civilizatórios*
Palestrante: Profª, Drª. Acácio Almeida
Coordenação: Soraia André

15h - Vivência: *Diálogos entre Moreno e bell hooks: um jornal vivo sobre o amor.*
Direção: Daniela Cardoso e Juliana Soares
Coordenação: Adriane Rita Lobo

17h - Ressonâncias da 3ª Kizomba
Coordenação: Maria Célia Malaquias e Stephany Crisostono.

Encerramento: Expressão Artística
Coordenação: Adriana Dellaguistina e Guilherme Raposo.
Participação Aberta

Evento totalmente online - os links serão enviados por WhatsApp para as inscritas

Organização: Grupo de Estudos de Psicodrama e Relações Raciais
Coordenação: Maria Célia Malaquias

Equipe organizadora:
Ana Lúcia Tavares
Fabiano Romes Maciel
Luiza Guimarães
Maria Célia Malaquias

Equipe colaboradora:
Giceli Formiga
Lenir Soares
Luiza de Oliveira
Soraia André

Egos tecnológicos:
coord: Marco Aurélio Teles
Ermelinda Marçal
Evânia Maria Vieira
Guilherme Raposo
Silvana Gondim

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Figura 3. 3ª Kizomba Psicodramática – Que valores ancestrais nos nutrem?

COMPARTILHAMENTOS

A experiência da Kizomba Psicodramática preconiza oferecer aos e às participantes um lugar de refúgio e acolhimento em reverência ao legado do modo de viver dos Quilombos. Para Abdias Nascimento, “quilombo quer dizer lugar de reunião, fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial. Lugar onde se predomina o comunalismo” (Nascimento, 2019, pp. 289-290). Os quilombos se orientam por um modo de existência baseado no viver em comunidade, na ajuda mútua, no respeito à natureza e um posicionamento frontal contundente à exclusão social.

A partir dessa lembrança e reverência nossa Kizomba Psicodramática foi e é guiada com maestria e respeito ao outro, conectada com a “ancestralidade do bem”. Estamos em uma egrégora de fortalecimento coletivo que nos remete a autoconhecimento, sentimentos de bem-estar e descobertas internas. Somos um coletivo afetivo que nos proporciona muitos aprendizados.

Foram colhidos registros feitos a partir das partilhas dos participantes das três edições das Kizombas Psicodramáticas. A primeira edição, realizada entre 22 e 23 de outubro de 2022, proporcionou vários relatos, entre eles: “*Grupo querido! Obrigada pelo emocionante e potente encontro; só agradecimentos pela acolhida, pelo apoio e afeto de todas, todos e todes que transbordaram a Kizomba*”; “*Gratidão por tanto. Viver o dia de hoje com vocês é um bálsamo necessário p/ o momento em que vivemos. Sigamos juntos*”; “*Eu não poderia deixar de registrar aqui o quão emocionada estou por assistir as ricas apresentações de vocês. Quero agradecê-los, pois ampliei meus horizontes e recebi uma injeção de ânimo para acreditar em melhores dias*”; e “*A experiência foi fantástica, confortante, desafiadora, e me trouxe para um lugar de muita reflexão!*”

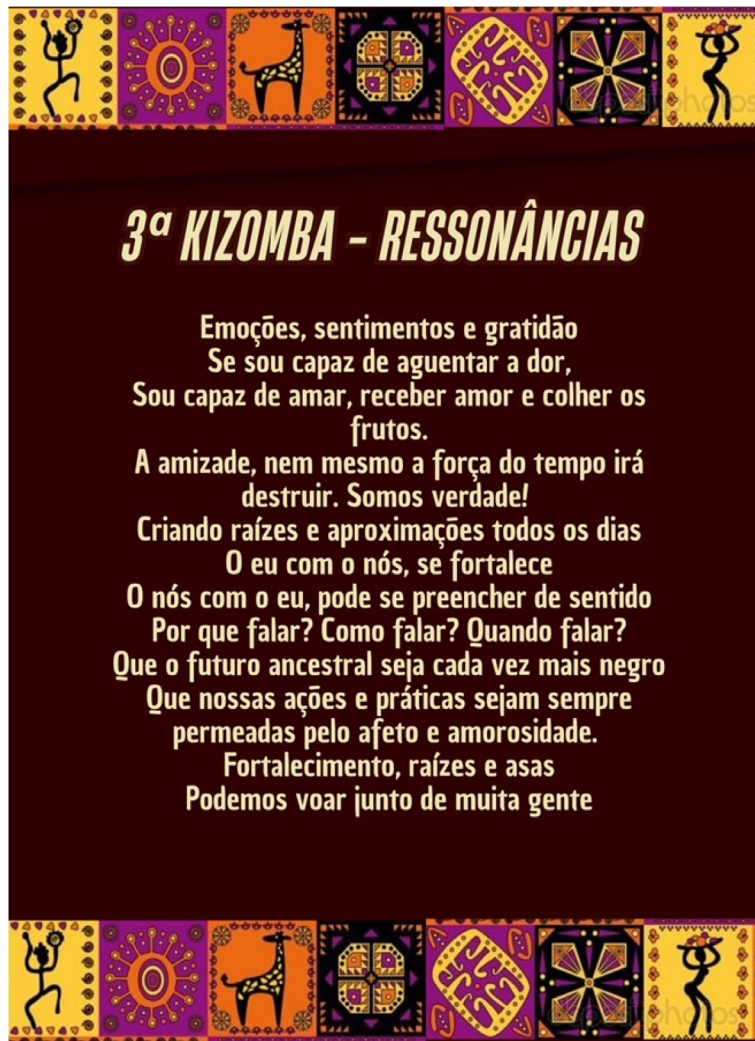
A segunda realização, ocorrida entre 27 e 28 de outubro de 2023, resultou em experiências como: “*Trabalhos com muita potência e relevantes pesquisas. Inspiração é a palavra*”; “*Parece um navio com balanço das águas do mar, mas um navio que traz vida, alegria, arte e beleza. Amei!*”; “*Anuncio em mim, a partir de todos nós, um novo tempo, de estudos, pesquisas e escritas. De saber mais e nos aproximar para sermos juntos! Gratidão por tanto, família, irmãs e irmãos do coração*”. Outro participante destacou ainda:

Meu carinho, respeito e abraços. Se antes da 2ª Kizomba tínhamos inquietações e necessidades dos conhecimentos históricos reais que nos ardem na pele, depois destes encontros somos parte de um corpo, um universo. Que nos une e impulsiona a sermos nós. Nós que já foram de apertos; hoje nós atados e unidos! Nós somos, porque estamos sendo.

A terceira realização da Kizomba Psicodramática, realizada nos dias 18 e 19 de outubro de 2024, contribuiu com o público participante que segue “*Aprendendo com o Quilombo. Ancestralidade, vida, história. Memórias vivas! Nunca mais estaremos sós!*”. Além disso, despertou sentimentos gratificantes e inspiradores:

Quero agradecer imensamente essa oportunidade de conhecimento tão rica e um encontro amoroso dentro do psicodrama. Estava precisando encontrar mais espaços assim. Foi importante para mim ouvir os professores e palestrantes. Movimentou muitas coisas dentro de mim. Saio da Kizomba cheia de reverberações no coração e agradecida.

A 3ª Kizomba, em sua atividade final, consolidou registros de seus participantes em um flyer, conforme apresenta a Figura 4:



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Figura 4. 3ª Kizomba – Ressonâncias.

Pode-se afirmar que entre os resultados qualitativos alcançados com a Kizomba Psicodramática estão as pesquisas que participantes do Quilombo Malaquias têm realizado, contribuindo com o aumento significativo de participação em congressos como participantes e como pesquisadoras(es) apresentando trabalhos (como aconteceu no 24º Congresso Brasileiro de Psicodrama e no 2º Congresso IAGP – Regional Latino-Americano). Destaca-se, também, a publicação de artigos em revistas científicas e manifestações explícitas de desejos de iniciar e/ou aprofundar pesquisas (Malaquias et al., 2025). Como se viu, é com base nesses resultados que a Jornada Científica Kizomba Psicodramática justifica a sua existência, ao gerar um espaço seguro em que as pessoas podem falar e ouvir, aprender e ensinar sem julgamentos e com qualidade de vida.

DESAFIOS ENFRENTADOS

A realização das três Kizombas possibilitou importantes aprendizados. Partiu-se de um sonho compartilhado no Quilombo Malaquias, e o grupo todo respondeu se disponibilizando a contribuir, formando então uma comissão organizadora disposta a aprender pela experiência do fazer e pautando-se no que fazia sentido para o Grupo. No entanto, alguns desafios surgiram, envolvendo a infraestrutura do evento. Na 1ª Kizomba optou-se por inscrições gratuitas de todas as pessoas interessadas a participar. Considerou-se que o número limite de inscrições seria conforme a capacidade de pessoas na sala do Zoom – nesse caso, o limite era 100 pessoas. Uma semana antes da realização do evento, com 110 pessoas inscritas, encerraram-se as inscrições, mas várias pessoas procuraram a organização do evento lamentando o fato de não terem conseguido realizar inscrição. Entretanto, durante os dois dias do evento, a participação máxima foi de 80 pessoas. Ou seja, sobraram em média 20 vagas. A organização da Kizomba, ao analisar esse fato, questionou se o fato de serem inscrições gratuitas teria contribuído pelas ausências.

Na 2ª Kizomba decidiu-se por inscrições gratuitas para as pessoas participantes do Quilombo Malaquias, e para as demais pessoas foi cobrado o valor de R\$ 50 para cada inscrição. O número de ausência foi então relativamente menor do que a Kizomba anterior.

Já na 3ª Kizomba, com o projeto de realização do documentário Alberto Guerreiro Ramos – pioneiro do psicodrama brasileiro – e a necessidade de arrecadar recursos financeiros para as despesas do documentário, a taxa de inscrição foi de R\$ 50 para participantes do Quilombo Malaquias e R\$ 100 para as demais pessoas. Assim, o valor arrecado cobriu integralmente as despesas do documentário.

Ressalta-se que os desafios enfrentados para a realização das três versões da Kizomba foram utilizados como aprendizado e aprimoramento para a versão seguinte. Para a 4ª Kizomba desejou-se, num primeiro momento, realizá-la presencialmente na cidade de São Paulo, mas após pesquisas, discussões e ponderações percebeu-se que o presencial nesse momento inviabilizaria a participação de várias pessoas do Quilombo Malaquias, uma vez que a maioria mora em outras cidades e outros estados e não teria condições de arcar com despesas de deslocamento, estadia, etc. Aventou-se a possibilidade de uma Kizomba híbrida, mas também não seria possível. Portanto, a 4ª Kizomba será virtual, como as anteriores. No entanto, já se articula possibilidades para enfrentamento dos desafios financeiros a fim de que, num futuro próximo, seja possível a realização da Kizomba Psicodramática presencial.

PROCESSAMENTO EM AÇÃO

Apoiada no conceito e método de escrivência de Conceição Evaristo, me autorizo pôr em relevo que, ao contrário de nossa tradição acadêmica de base colonial, o artigo em tela não tem intenção de mostrar a efetividade de uma modalidade de encontro científico ou apresentar um “modelo” para outros encontros, mas sim refletir sobre como o próximo encontro pode ampliar o alcance do Quilombo.

Na esteira dessa caminhada, cabe mencionar nosso comprometimento com a produção e difusão de conhecimentos sobre psicodrama e relações raciais em diversas frentes, como a produção do documentário *Alberto Guerreiros Ramos – pioneiro do psicodrama brasileiro*, lançado em 2025; ministração de aulas pelo país; e o planejamento da 4ª Kizomba Psicodramática. Visamos, nas próximas edições da Kizomba Psicodramática, ampliar acessos, adentrando também presencialmente em espaços da academia e discutindo educação antirracista e formas de pesquisa, escrita e ensino científico genuinamente psicodramáticos e brasileiros.

Os propósitos da Kizomba Psicodramática – em suas três versões já realizadas – têm sido alcançados, uma vez que se verificou a ampla participação das pessoas durante todo o evento, interagindo e trazendo suas ressonâncias a partir das aulas, mesas redondas, vivências sociodramáticas. Este tem sido também um espaço de pesquisa-ação cujos resultados apontam para novas pesquisas e novos aprofundamentos que contribuem significativamente com o psicodrama brasileiro, com releitura crítica da obra de Moreno e de pós-morenianos (Vomero, 2022), e o olhar voltado para as questões das relações raciais na sociedade brasileira – uma sociedade racializada e, portanto, em que todas as pessoas são racializadas.

A Kizomba psicodramática, tem sido também um espaço de produção de saberes insurgentes, na perspectiva da ancestralidade africana, nos rebelamos contra um sistema de conhecimento universal. A filosofia, ciência e arte africana nos inspiram a compreender o mundo a partir da visão e dos interesses dos povos africanos e de sua diáspora. Com olhares para a história, cultura, política e sociedade, com ênfase ao protagonismo africano.

Nesse sentido, entendemos ser necessário que o psicodrama brasileiro leve em conta os atravessamentos do racismo nas inter-relações. Buscamos avançar a partir dos frutos colhidos na Kizomba Psicodramática, mesmo lidando com inúmeros desafios que impactam na produção científica das pessoas participantes do Quilombo Malaquias – sequelas de uma sociedade desigual. Mesmo assim, ancoradas/os num conhecimento ancestral, ousamos fazer ciência, construir conjuntamente novos conhecimentos e partilhar com a comunidade (Nascimento, 2019). Mais uma vez, é a força da nossa ancestralidade, das/dos que chegaram antes e contribuíram para que hoje estejamos aqui; que nos dão sustentação para seguir, persistindo, resistindo, lutando. Assim temos avançado e assim seguimos, como nos ensina o provérbio africano: “Se quiser ir rápido vá sozinho, mas se quiser ir mais longe, vá em grupo”.

CONFLITO DE INTERESSE

Nada a declarar.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

REFERÊNCIAS

- Albernaz, R. O., Azevedo, A., & Faé, R. (2021). Pedagogia decolonial psicodramática. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 29(3), 214-224. <https://doi.org/10.15329/2318-0498.22127>
- Bento, C. (2022). *O pacto da branquitude*. Companhia das Letras.
- Borges, R. (2020). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Mina Comunicação e Arte. <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>
- Calaça, M. C. F. (2013). *Movimento artístico e educacional de fundamento negro da Praça da República: São Paulo 1960 – 1980* [Tese de doutorado]. Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Fortaleza, CE, Brasil. https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/7999/1/2013_tese_mcfcalaca.pdf

- Campos, R. B. L. (2014). “Será que já raiou a liberdade?”: Abolição e negritude nas escolas de samba do Rio de Janeiro. *Anais do Encontro Regional de História Anpuh-Rio*, Rio de Janeiro, Brasil. https://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/28/1400173329_ARQUIVO_Seraquejaraioualiberdade.AbolicaoenegritudenasescolasdesambadoRiodeJaneiro-RenataBulcao.pdf
- Conceição, M. I. G. (2024). Contribuições do psicodrama no letramento racial no Brasil. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 32. <https://doi.org/10.1590/psicodrama.v32.666>
- Conselho Nacional de Saúde. (2012). *Resolução n.º 466, de 12 de dezembro de 2012*. Ministério da Saúde. <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2012/resolucao-no-466.pdf/view>
- Conselho Nacional de Saúde. (2016). *Resolução n.º 510, de 07 de abril de 2016*. Ministério da Saúde. <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf/view>
- Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. (2016). *Projeto 2 – Levantamento de informações sobre a inserção dos psicólogos no mercado de trabalho brasileiro*. <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2016/08/Relat%C3%B3rio-final-Projeto-2-1.pdf>
- Duarte, C. L., & Nunes, I. R. (Orgs.). (2020). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Mina Comunicação e Arte.
- Fanon, F. (1983). *Pele negra, máscaras brancas* (A. Caldas, Trad.). Fator.
- Malaquias, M. C. (Org.). (2020). *Psicodrama e relações étnico-raciais: diálogos e reflexões*. Ágora.
- Malaquias, M. C. (Org.). (2023). *Etnodrama: contribuições do grupo de estudos de psicodrama e relações raciais*. Ágora.
- Malaquias, M. C., Garrido, E. N., Oliveira, D. R., Soares, J. S., & Silva, D. A. C. (2025). O Brasil que queremos: perspectivas do grupo de estudos de psicodrama e relações étnico-raciais. *Conecte-Se! Revista Interdisciplinar de Extensão*, 8(17), 110-129. <https://doi.org/10.5752/P.2594-5467.2024v8n17p110-119>
- Moreno, J. L. (2020). *Sociometria, método experimental e a ciência da sociedade: abordagem para uma nova orientação política* (Y. B. Datner, Trad.). FEBRAP.
- Nascimento, A. (2019). *O quilombismo: documentos de uma militância Pan-Africanista*. Perspectiva.
- Oliveira, D. R. (2024). Aplicação da grupoterapia como prática de intervenção antirracista. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 32. <https://doi.org/10.1590/psicodrama.v32.680>
- Oliveira, L., & Santos, S. I. P. (2025). Uma varanda: contos e psicodrama. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 33. <https://doi.org/10.1590/psicodrama.v33.685>
- Ramos, A. G. (2023). *Negro sou: a questão étnico-racial e o Brasil: ensaios, artigos e outros textos (1947-73)* (M. S. Barbosa, Org.). Zahar.
- Ribeiro, D. F. S. (2023). A decolonialidade na pesquisa e prática psicodramática: pela superação de epistemicídios históricos. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 31. <https://doi.org/10.1590/psicodrama.v31.596>
- Silva, U. L., Cardoso, J. P., Farias, B. R., & Bandeira, C. da C. (2023). PsicoQuilombologia: escrevivência de uma psicologia das encruzilhadas em tempos pandêmicos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 43, e257126, 1-14. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003257126>
- Souza, T. D. P., Damico, J. G. & David, E. D. C. (2020). Paradoxos das políticas identitárias: (des)racialização como estratégia quilombista do comum. *Acta Scientiarum Ciências Humanas e Sociais*, 42(3), e56465. <https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v42i3.56465>
- Vomero, L. S. Z. (2022). Decolonizando o conceito de reconhecimento (Eu-Tu). *Revista Brasileira de Psicodrama*, 30. <https://doi.org/10.1590/psicodrama.v30.576>
- Webber, J. (2018). *Sedimentation: the existentialism challenge to stereotypes*. Aeon Eassays. <https://aeon.co/ideas/sedimentation-the-existentialist-challenge-to-stereotypes>